

Tales Faria

Alcolumbre torce para Lula indicar Jorge Messias novamente

O presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), disse a aliados que está torcendo que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) repita a indicação do advogado-geral da União, Jorge Messias, para ministro do Supremo Tribunal Federal (STF). Ele acredita que isso lhe trará maior poder de barganha para a reeleição ao comando da Casa.

Messias foi rejeitado pelo plenário do Senado por 42 votos a 34 e uma abstenção, em votação secreta no dia 29 de abril. Ele precisava da maioria absoluta, ou seja, ao menos 41 dos 81 senadores. Foi uma derrota histórica do Poder Executivo, só ocorrida em 1894, quando o Congresso rejeitou cinco indicações do presidente Floriano Peixoto.

O próprio presidente do Senado comandou as articulações para a recusa da indicação. Ele considerou a escolha de Messias pelo Planalto como uma traição do líder do governo, Jaques Wagner (PT-BA), a quem o advogado-geral da União havia assessorado no passado. Alcolumbre queria outro nome para o STF. Tratava-se do senador Rodrigo Pacheco (PSB-MG), que Lula até hoje tenta lançar como candidato a governador de Minas Gerais.

Em nova disputa com o presidente, Alcolumbre ameaça fazer de Pacheco candidato a ministro do Tribunal de Contas da União (TCU). Teria grandes chances de elegê-lo e desmontar o palanque para reeleição de Lula num estado fundamental.

O presidente está sendo aconselhado por petistas a bater de frente contra Alcolumbre e insistir com Messias. A ideia é que ele indique novamente o advogado-geral da União para o STF, já que a legislação permite repetir o nome, mesmo que tenha sido reprovado.

Há uma decisão da Mesa Diretora do Senado, o ato de nº 1 de 2010, que determina que “a apreciação” do nome não pode ocorrer no mesmo ano de funcionamento do Congresso (mesma sessão legislativa). Na prática, isso significa que o nome de Messias só poderia ser submetido a votação novamente pelos senadores em 2027.

Seria uma aposta de Lula de que se reelegerá em outubro, saindo das urnas com força suficiente para aprovar a nova indicação de Messias. Mas Alcolumbre enxerga a situação de outra forma.

No ano que vem, ele será candidato à reeleição como presidente do Senado. Com a indicação de Messias ficando também para ser aprovada em 2027, o Palácio do Planalto terá que garantir apoio à sua reeleição se quiser que o indicado de Lula não seja novamente derrotado.

A tendência, na avaliação dos políticos, é que aumente a bancada de oposição no Senado no ano que vem, o que tornará Lula ainda mais dependente do centrão e dos aliados de Alcolumbre para conseguir aprovar suas indicações ao STF, assim como a outros colegiados da República.

Com um agravante que tornará os presidentes da Câmara e do Senado ainda mais poderosos: se reeleito, Lula terá que fazer passar pelo Congresso um novo pacote de ajuste fiscal.

Não é sem motivo, portanto, que Davi Alcolumbre torce para Lula indicar novamente Jorge Messias para o STF. Ao contrário do que supõem algumas cabeças coroadas do PT, ele acha que ganhará mais poder de barganha para se reeleger presidente do Senado.

Fernando Molica

A direita e a dinastia Bolsonaro

A tempestade deflagrada pela revelação das conversas entre Flávio Bolsonaro e Daniel Vorcaro remete ao chavão que associa a palavra crise a uma oportunidade. Caso tenha que desistir do primogênito de Jair Bolsonaro, a direita perderia um candidato que se mostrava viável, mas ganharia a chance de se livrar da camisa de força imposta pelo clã.

A eleição de 2018 fez com que Bolsonaro-pai se transformasse na grande liderança de uma direita que, até então, tinha vergonha de dizer o próprio nome. A partir de 1994, os principais candidatos à Presidência se apresentavam vestidos com diferentes modelos derivados da social-democracia: em 2002, seria até difícil diferenciar os programas de governo de Lula (PT), José Serra (PSDB), Anthony Garotinho (PSB) e Ciro Gomes (PPS, sucessor do PCB).

Bolsonaro encarnou sentimentos conservadores meio dispersos, beneficiou-se do cataclisma da Lava Jato, da prisão de Lula, de um certo cansaço geral da Nação. Foi eleito e, por pouco, não conseguiu se manter no Planalto.

Mesmo derrotado em 2022, manteve uma incontestável liderança, a ponto de arrastar para a extrema direita políticos mais afinados com propostas bem menos radicais. Nem mesmo suas estripulias golpistas e sua consequente condenação foram suficientes para golpear sua popularidade de maneira significativa.

O maior problema de Bolsonaro é ele próprio, sua teimosia, sua desconfiança em relação ao universo político, seu temor de ser traído — só confia em si e nos filhos, como demonstrou ao impor Flávio como candidato de seu partido.

Com medo de perder o protagonismo do uni-

verso conservador, tratou de inviabilizar a escolha de Tarcísio de Freitas (Republicanos), governador de São Paulo, para a disputa da Presidência. Bolsonaro deixa evidente a intenção de criar uma espécie de dinastia: de seus cinco filhos, só a caçula — ainda — não exerce atividade político-partidária.

Para a direita mais ampla, que inclui o sempre maleável Centrão, Bolsonaro entra naquela história de meu bem, meu mal. Ele é ótimo para disputar eleições e ajudar a eleger deputados; péssimo na hora de abrir mão do protagonismo (ainda que, durante seu mandato, tenha terceirizado com prazer a tarefa de administrar o país).

Ao aceitar a candidatura de Flávio, a direita mostrou não querer brigar com Bolsonaro e com seus milhões de súditos. Mas a eventual inviabilização do sonho presidencial do senador fluminense abre a tal janela de oportunidades — ele não ria defenestrado por um complô de aliados, mas pelos próprios tropeços.

O caráter plebiscitário do pleito colabora para uma eventual substituição. As pesquisas que simulam disputas em um segundo turno mostram a força de candidatos contra Lula. A troca de Flávio por um político mais tradicional daria à direita uma oportunidade imensa: a de andar com as pernas impulsionada pelo forte vento bolsonarista — isso, sem passar a ideia de traição ao líder.

Há também a opção Michelle, que carrega o nome da família. O problema é que nem Jair gosta da ideia. Fora que ela, no poder, seria ainda mais imprevisível que o marido, e sonho de parte da direita de surfar num bolsonarismo sem Bolsonaro continuaria distante.

EDITORIAL

Rumo ao hexa com experiência e juventude

A convocação da Seleção Brasileira para a próxima Copa do Mundo reacendeu no país um sentimento que parece nunca desaparecer completamente: a esperança. Em um Brasil acostumado a transformar futebol em identidade nacional, cada lista anunciada pela comissão técnica vai além de uma relação de nomes. Ela representa projetos, apostas, memórias e expectativas de um povo que ainda mede parte de sua autoestima esportiva pelo desempenho da camisa amarela.

A confirmação de Neymar entre os convocados devolve ao grupo um símbolo técnico e emocional. Independentemente das opiniões que desperta, continua sendo o jogador brasileiro de maior impacto internacional de sua geração. Sua presença carrega experiência em grandes torneios, liderança dentro de um elenco jovem e a responsabilidade de conduzir um time pressionado por resultados. Aos olhos da torcida, ele representa tanto a possibilidade do brilho individual quanto a chance de redenção após frustrações recentes.

Mas a convocação também evidencia um aspecto menos midiático e igualmente importante: a maturidade competitiva. Nesse ponto, a presença de Weverton ganha significado especial. Sem o mesmo protagonismo de estrelas do ataque, o goleiro simboliza a estabilidade e o equilíbrio emocional que seleções campeãs

costumam possuir. Em Copas do Mundo, talento é indispensável, mas serenidade em momentos decisivos costuma separar equipes promissoras das verdadeiramente vencedoras. Weverton chega como um dos atletas mais experientes do grupo, trazendo bagagem de conquistas, regularidade e perfil discreto, características frequentemente subestimadas em tempos de futebol-espetáculo.

A combinação entre juventude e experiência talvez seja o principal trunfo do Brasil neste ciclo. O país segue produzindo jogadores talentosos em abundância, mas a grande questão é transformar potencial em coletividade. As últimas campanhas brasileiras mostraram equipes tecnicamente fortes, porém emocionalmente vulneráveis diante da pressão. A nova convocação sugere uma tentativa de corrigir justamente esse aspecto: cercar jovens promessas de atletas acostumados a ambientes decisivos.

Naturalmente, nenhuma convocação elimina as dúvidas. Persistem questionamentos sobre o padrão tático, o equilíbrio defensivo e a dependência de individualidades. O torcedor brasileiro, historicamente exigente, sabe que favoritismo em papel raramente garante título em campo. Ainda assim, a lista anunciada cria uma sensação rara nos últimos anos: a de que a Seleção chega menos refém da improvisação e mais próxima de um projeto consistente.

Opinião do leitor

Ponderação

Concordo em parte com a Ministra Carmen Lúcia do Supremo Tribunal Federal de que as urnas eletrônicas são plenamente auditáveis, mas gostaria de que fosse acoplado à elas o voto impresso. Com essa medida agradaria a gregos e troianos, além de melhorar a imagem da Suprema Corte Brasileira.

Luiz Felipe Schittini
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.